

ANÁLISE SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA NA 12ª AISP: O USO DO TERRITÓRIO, GEOINFORMAÇÃO E INFLUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA URBANA EM BELÉM- PA.

Marcelle Peres da SILVA¹
Lorena de Lima Sanches SANTANA²
Leonardo de Souza ALVES³
Clay Anderson Nunes CHAGAS⁴

190

Resumo

As discussões acadêmicas voltadas à temática da violência vêm crescendo ao longo dos anos em diversas ciências. A geografia, nesse aspecto também trabalha a temática seja ela no cenário urbano ou rural. E este trabalho está voltado para as discussões e possíveis contribuições para uma análise geográfica da violência urbana. No Brasil, a violência tem se manifestado de forma latente, transformando a vida da população, criando situações e sensações de medo e insegurança, que possuem influências geradas pelo crescimento urbano acelerado e a precarização das condições de vida nas grandes cidades. No estado do Pará, em especial na cidade de Belém, estas situações também se apresentam, porém, com suas particularidades. Nesse sentido, o artigo foi produzido com o intuito de estudar, analisar e compreender a dinâmica socioespacial e de violência urbana em Belém, em especial nos bairros da 12ª Área Integrada de Segurança Pública e Defesa Social (AISP), aliado a produção cartográfica, como ferramenta de auxílio para visualização dos pontos dos homicídios (a variável criminológica escolhida) para analisar esta área. A pesquisa vem sendo desenvolvida por meio do Projeto “Território, Produção do Espaço e Violência Urbana: Uma leitura geográfica da criminalidade na Região Metropolitana de Belém”, e do Projeto de Extensão: “Atlas Geográfico de Homicídios da Região Metropolitana de Belém”, realizadas em parcerias com a Universidade Federal do Pará e Universidade do Estado do Pará, com a Secretaria de Segurança Pública do Pará (SEGUP), em específico com a Subsecretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal (SIAC), que vem fornecendo os dados criminais da cidade de Belém, sendo eles, subsídios para o material cartográfico, desde os anos de 2010. Neste trabalho, o recorte temporal se estabelece entre os anos de 2011 a 2013, a fim de apreender o espaço urbano, as relações territoriais, desigualdades, entre outros aspectos; aliando teoria e prática para analisar os índices de criminalidade (homicídios) na 12ª AISP, Região Metropolitana de Belém.

Palavras-chave: Violência; Território, Cartografia; Homicídios; AISP.

ANALYSIS OF VIOLENCE ON 12ª AISP: THE TERRITORY USE, GEOINFORMATION AND INFLUENCES OF URBAN VIOLENCE IN BELÉM-PA

Abstract

Academic discussions focused on the theme of violence have been growing over the years in many sciences. The geography in this respect also works the theme whether in urban or rural settings. And this work is focused on the discussions and possible contributions to a geographical analysis of urban violence. In Brazil, violence has been shown in latent form, transforming people's lives, creating situations and feelings of fear and insecurity, which have influences generated by rapid urban growth and the precarious living conditions in large cities. In the state of Pará, especially in Belém, these situations also arise, however, with its peculiarities. In this sense, the article was produced in order to study, analyze and understand the socio-spatial dynamics of urban violence and in Belém, especially in the neighborhoods of the 12th Area Public Security Integrated and Social Protection

¹Discente do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado do Pará e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – PIBIT/UEPA, com o projeto intitulado “Atlas Criminal da Cidade de Belém: A distribuição Espacial dos Homicídios no Período de 2011-2013”. E-mail: marcelleperes05@hotmail.com

²Discente do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPA. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). E-mail: lorena-sanches@hotmail.com

³Discente do curso de Licenciatura Plena em Geografia. Monitor na Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: leonardoalves.geografia@gmail.com

⁴ Professor da Universidade Federal do Pará e da Universidade do Estado do Pará. E-mail: claychagas@yahoo.com.br

(AISP), together with cartographic production, as an aid tool for visualization of the points of homicides (the chosen criminological variable) to analyze this area. The research has been developed through the project "Territory, Space Production and Urban Violence: A geographical reading of crime in the metropolitan region of Belém," and Extension Project, "Atlases Homicide Metropolitan Region of Belém", held in partnership with the Federal University of Pará and University of Pará, with the Public Security Bureau of Pará (SEGUP), in specific the Assistant Secretariat for Intelligence and Criminal Analysis (SIAC), which has been supplying crime data of the city of Belém, which are subsidies for the map material from the year 2010. In this work, the time frame established between the years 2011 to 2013, in order to grasp the urban space, territorial relations, inequalities, and others aspects; combining theory and practice to analyze crime rates (homicide) in the 12th AISP, metropolitan region of Belém.

Keywords: Violence; Territory; Cartography; Homicide; AISP.

INTRODUÇÃO

O presente artigo possui por princípio norteador a análise socioespacial da violência na 12ª Área Integrada de Segurança Pública e Defesa Social (AISP), associado à discussão do uso do território, geoinformação e a violência urbana em Belém- PA, voltado especialmente para a análise dos índices de homicídios nesta área. As Regiões Integradas de Segurança Pública e Defesa Social - RISP são divididas em Áreas Integradas de Segurança Pública e Defesa Social (AISP), criadas para subsidiar e integrar os diversos órgãos vinculados a SEGUP, objetivando a articulação regional nos níveis estratégico, tático e operacional. A 12ª AISP engloba os bairros da Agulha, Campina de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera, Paracuri e Ponta Grossa, pertencentes ao Distrito de Icoaraci, Município de Belém. Os dados analisados de homicídio foram referentes ao período de 2011 a 2013.

Esse trabalho foi elaborado a partir das discussões realizadas no Grupo Acadêmico Produção do Território e Meio Ambiente (GAPTA), por meio do projeto de pesquisa: "Território, Produção do Espaço e Violência Urbana: Uma Leitura Geográfica dos Homicídios na Região Metropolitana de Belém". Os dados de homicídios foram fornecidos pela Subsecretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal (SIAC), vinculada a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SEGUP).

O crescimento da violência urbana está diretamente associado ao processo de crescimento urbano concentrado e a ampliação do crescimento das áreas de expansão das cidades, formando áreas de periferização. As áreas pobres são espaços comuns em grandes centros urbanos, em Belém, não é diferente. São marcas presentes no espaço belenense as áreas de intensa pobreza, marcadas por um processo de baixa presença do poder público e de precários indicadores sociais. Essas áreas de expansão e de pobreza se tornam espaço de disputas entre os diversos agentes que (re)produzem o espaço e disputam o território, já que

existe uma espécie de “vazio” de poder deixado pela baixa participação do Estado. Assim, essas áreas se tornam dinâmicas para ação de agentes territoriais que disputam o poder, entre eles os ligados à criminalidade, pois disputam o território, principalmente pelo controle do tráfico de drogas. Com isso, as áreas “novas” de expansão urbana, onde há baixa participação do poder público, associadas à intensa pobreza, tendem a serem “zonas vermelhas” de homicídio, formando *hot spots*⁵.

Essa realidade não foge aquela vivenciada na 12ª AISP, o objeto de estudo aqui em específico. A 12ª AISP foi escolhida, devido ao elevado índice de violência e a necessidade de geografização da mesma, ou seja, pretende-se produzir documentos cartográficos, em escalas compatíveis, a fim de melhor compreender as suas relações diante do embate entre os diversos poderes, estatal e os que emergem da sociedade local e ainda, analisar os dados obtidos, buscando entender quais as motivações para que essa seja considerada uma das áreas mais violentas de Belém.

O objetivo principal desse artigo é compreender e refletir acerca da realidade de violência e uso do território na área da 12ª AISP a partir dos dados obtidos do SIAC. Os objetivos secundários estão relacionados em analisar os índices de violência, em especial homicídios na área e seus condicionantes e utilizar a Geoinformação com a elaboração de mapas para identificar o espaço e fazer a análise do território, pontuando os locais de ocorrência dos homicídios.

A metodologia necessária ao desenvolvimento deste trabalho se encontra primeiramente baseada em um levantamento bibliográfico e documental, na qual serão utilizadas para o embasamento teórico, sobretudo, as temáticas relacionadas à violência, população, território, criminalidade, em especial homicídios. Coleta de dados a do IBGE, Prefeitura Municipal de Belém (PMB), Secretaria de Segurança Pública (SEGUP), sendo esses mais específicos para auxiliar na melhor compreensão das questões de interesse a serem trabalhadas na 12ª AISP.

Foi realizado um trabalho de campo, que teve como objetivo coletar informações primárias acerca do processo de ocupação das áreas de expansão, a socioespacialidade, o uso do território e compreender a busca pelo controle deste. Foram realizadas entrevistas, observação contínua e a cartografia do lugar para análise do espaço urbano de uma maneira mais otimizada. O trabalho encontra-se na fase de elaboração de eixos temáticos, destacando

⁵“manchas quentes”, zonas de violência (BEATO FILHO, 2012).

os mapas de homicídios, expansão da mancha urbana, indicadores socioeconômicos, ocupações subnormais.

URBANIZAÇÃO, TERRITÓRIO, SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E VIOLÊNCIA

193

A intensificação do processo de urbanização no contexto específico do Estado do Pará se dá a partir de 1960, assim como ocorre praticamente em todo Brasil, com destaque para as capitais estaduais e nas cidades do entorno das capitais, que mais tarde iriam formar as Regiões Metropolitanas, acarretando a fragmentação socioespacial nas cidades, causando o aumento da violência, prostituição, marginalização dos centros urbanos, homicídios entre outros (SANTOS, 2008).

Um dos principais problemas causados por essa urbanização acelerada e concentrada nas cidades paraenses foi o “fenômeno” da violência. A materialização desta é mais latente nos segmentos sociais de menor poder aquisitivo, ou seja, para a população que vive em condições sub-humanas com precária condição estrutural, faltando-lhes serviços básicos como saneamento, moradia e segurança pública, nessas áreas o crime se prolifera com muito mais rapidez e profundidade do que, por exemplo, em áreas onde se concentra a população de maior poder aquisitivo da Grande Belém.

Nesse cenário, as áreas de periferização são locais propícios para o estabelecimento do território do crime, onde as peculiaridades como a ilegalidade, a ausência de segurança pública e das instituições de controle público e dos serviços públicos mínimos são fatores determinantes para a instalação e fixação de zonas de tensões, como afirma Chagas (2014). Nessa perspectiva, o crime, especialmente os violentos, se tornam instrumentos coercitivos para a fixação e controle do território de grupos ligados à criminalidade, articulando suas ações no espaço urbano. O território então se torna uma espécie de reflexo das diversas variáveis sociais (pobreza, desigualdade social e qualidade de vida), que estão relacionadas a valores culturais, sociais, econômicos, políticos e morais; para Chagas (2014) a violência pode ser apontada justamente como resultado dessa relação com o território, o que pode justificar a territorialidade da violência.

Segundo os autores Cláudio Beato Filho (2012) e Marcelo Lopes de Souza (2008), a violência não pode ser considerada um fenômeno recente. Contudo, como já foi abordado acima, com a urbanização houve um incremento significativo nos índices de violência nas cidades. Nesse sentido a violência urbana pode manifestar-se de diferentes formas no espaço das cidades, na visão de Souza (2012):

(...) Parece muito mais produtivo reservar a *violência urbana* para as diversas manifestações da violência interpessoal explícita que, além de terem lugar no ambiente urbano, apresentam uma conexão bastante forte da *especialidade urbana* e/ou com problemas e estratégias de sobrevivência que revelam ao observador, particularidades ao se concretizarem no meio cotidiano, ainda que não sejam exclusivamente “urbanos” (a pobreza e a criminalidade são, evidentemente, fenômenos tanto rurais quanto urbanos) e sejam alimentados por fatores que emergem e operam em diversas escalas, da local à internacional. (p. 52).

Podem-se apontar diversos fatores para compreender a violência nas áreas de periferização, entre eles o controle do território, grupos rivais disputam a implantação/permanência de pontos de venda de droga, constituindo assim, pontos de controle de consumo e de mercado. Um segundo ponto muito perceptível na RMB e a baixa participação do poder público em áreas de periferização, maior parte dos casos o Estado pouco se faz presente, em forma de equipamentos urbanos e de serviços essenciais para a população, o que favorece a proliferação de casos de exclusão social, pobreza e favelização, tornando assim, na maioria dos casos um ambiente propício para difusão e estabelecimento do crime organizado. “Os sistemas de segurança urbana oferecem condições para que a separação possa se aprofundar, ainda que justaponham, no ‘centro’ e na ‘periferia’ segmentos sociais com níveis *desiguais* de poder aquisitivo e com *diferentes* interesses de consumo” (SPOSITO, 2012).

O aumento demasiado da violência nos últimos tempos, possibilitou o surgimento da ideia de que nos espaços pobres e periféricos a violência aparece de forma mais intensa, quando comparada aos espaços elitizados, porém o que acontece é que a violência se apresenta em determinados lugares de acordo com a espacialidade e as peculiaridades dos mesmos, o que depende da relação do homem e da territorialidade. Geralmente, nestes espaços elitizados, dependendo do tipo, a violência aparece de fora para dentro, oriunda da periferia, onde o indivíduo é facilmente influenciado e excluído socialmente e acaba levando a violência para outros lugares (lugares elitizados), ou seja, as organizações criminosas tomam o poder nos espaços periféricos e o indivíduo passa a cometer delitos também nos espaços elitizados com os indivíduos recrutados nas periferias pobres, difundindo para toda a cidade, principalmente para os espaços elitizados, onde existem as maiores atratividades.

Como se pode observar nas considerações de Cano (1997, *apud* SOUZA, 2008, p. 51):

Os dados mostram uma notável e inequívoca relação inversa entre o nível de vida, medido em termos de características das pessoas como do próprio espaço onde elas moram, e a violência letal. São os moradores de áreas pobres e com escassos serviços urbanos os mais expostos a uma morte violenta e vice versa, são as classes

sociais mais privilegiadas e que moram nos melhores lugares da cidade as mais protegidas desse tipo de violência.

E ainda:

Contrariamente aos homicídios, são os moradores das áreas mais abastadas e com maior desenvolvimento urbano os que estão expostos a um maior risco a serem vítimas de roubos e furtos, a incidência de delitos é especialmente elevada ente as pessoas do estrato social mais alto. As agressões, porém, não mostram um padrão claro de relação com o nível de vida.

195

Neste sentido, precisamos entender a relação entre os processos sociais, espaciais, econômicos, institucionais, políticos e culturais, que estão contidos na vida urbana da sociedade e que são primordiais para a configuração do espaço e para definição da territorialidade da violência urbana em cada contexto. Quando falamos principalmente em percepção podemos chegar a um conceito bastante subjetivo, tendo em vista que o homem modifica constantemente o espaço, portanto, a percepção e o conceito do espaço são fundamentais para a compreensão da realidade da violência urbana (CHAGAS, 2012).

Souza (2005) analisa os espaços públicos e privados como igualmente importantes, mesmo que historicamente um deles tenha sido taxado de fonte das virtudes e o outro, do contrário. Sendo necessário considerar, segundo o autor, o desequilíbrio de poder entre os homens e mulheres, que atribuem espaços diferentes a cada um deles, estabelecendo que a prevalência do público sobre o privado, induz a violência, pois esses espaços tornar-se-iam uma região envolvida pela indiferença de uma sociedade “cuja configuração ainda está baseada na ideia de inferioridade de um espaço em relação ao outro e no direito de agredir, inclusive fisicamente, todos os que tentarem romper com esse código”. (p. 214).

A violência não pode ser considerada um fenômeno recente, contudo, como já foi abordado em um primeiro momento, com a urbanização houve um incremento significativo nos índices de violência nas cidades. No Brasil esses são gerados por meio da desigualdade socioespacial e socioeconômica, pobreza e uso de drogas gerando consequências em todo o território nacional, sendo mais evidentes nas áreas periféricas, ligadas, sobretudo ao crime contra a pessoa, como os assassinatos, o roubo, o tráfico e o consumo de entorpecentes e a própria corrupção de policiais.

O fato que se pode observar, aos olhos de Souza Júnior (2013) é que a violência expressa no espaço resulta na consolidação da segregação urbana através da reprodução de espaços de insegurança, ou seja, a maioria dos espaços da cidade são ocupados,

principalmente por uma população de baixo poder aquisitivo, em contraponto com espaços compostos por edificações que se constituem cada vez mais como verdadeiras fortalezas. Remetendo as concepções de segregação e autosegregação.

SPOSITO (2013) identifica essas duas concepções como facetas de um mesmo processo, uma vez que a distinção entre as duas proposições conceituais são feitas pelo ponto de vista do qual a separação se estabelece. A segregação seria então a decisão da maioria, seja ela no sentido político, cultural, religioso ou econômico, em estabelecer separação total ou relativa da minoria, essa foi submetida a tal condição por diferentes razões, e no caso das cidades latino-americanas, principalmente pela situação econômica. Já ao fazer referência a autosegregação, a autora afirma que a faceta é exercida por um grupo com melhores condições, que optam pelo isolamento em relação ao conjunto da cidade, sendo espaços de outros, não de todos. Ambos os processos resultam do aprofundamento das diferenças sociais, desigualdades socioeconômicas políticas, culturais, religiosas, que também irão influenciar o cenário de violência urbana.

Pode-se apreender que a violência está disseminada em todas as classes sociais. Ricos e pobres vivem constantemente com a presença da mesma. A diferença, segundo Chagas (2014) nesse contexto do espraiamento da violência, é que os primeiros possuem condições econômicas de se protegerem com tecnologias que garantem uma falsa sensação de segurança, observadas por meio dos condomínios fechados, aparatos de segurança, verdadeiros “enclaves fortificados” ou “fortalezas”, como mencionado acima. Enquanto o segundo grupo por não ter esses diferenciais se torna a parte mais vulnerável de todas as formas que a violência contém.

Nesse contexto, devido às diferentes maneiras de se praticar a violência, pode-se destacar que a mesma se evidencia de maneira mais intensa em espaços segregados tanto pelas relações de produção quanto pelas intencionalidades que condicionam o seu uso ou não uso. Portanto, o discurso da “geografia da violência” materializa-se na própria concepção de espaço e suas variantes, especialmente no que se refere às relações de poder presentes no mesmo e nas concepções de violência e insegurança. (SOUZA JÚNIOR, 2013)

HOMICÍDIOS E OS INDICADORES DE VIOLÊNCIA

Existem elevados índices de criminalidade e violência em cidades como Belém, Ananindeua e Marituba, todas no estado do Pará, e estão entre as mais violentas do país (WASELFISZ, 2010). Como foi dito logo no início deste trabalho, a 12ª AISP, encontra-se com um dos índices de criminalidade mais elevados da cidade de Belém. Ocorrendo um aumento relevante no número de homicídios dentre os anos de 2011 a 2013 como se pode observar na tabela a seguir. Principalmente nos bairros da Agulha, Campina de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera e Paracuri.

197

Tabela 01: Registros de vítimas de homicídio da 12ª AISP segundo os bairros, no Município de Belém – 2011-2013.

BAIRROS	2011	2012	2013	TOTAL N° HOMICÍDIOS
Agulha	6	18	19	43
Campina de Icoaraci	5	4	9	18
Cruzeiro	8	7	11	22
Maracacuera	4	12	14	30
Paracuri	5	6	12	23
Ponta Grossa	5	1	5	11
12ª AISP	33	48	70	151

Fonte: Organizado pelos autores com base nos dados da SEGUP/SIAC (2014).

Nesse sentido, um conceito importante para a produção da pesquisa e do trabalho em si é o conceito de crime e, que está diretamente ligado ao de criminalidade. A criminalidade não está definida no código penal, mas antes do conceito de criminalidade, deve-se buscar o conceito de crime. Ao analisar o crime sobre o "aspecto da técnica jurídica" do código penal de 1940, podemos dizer que *o crime é toda e qualquer ação ou omissão proibida pela lei*, e que para ser caracterizado como violência deve haver agressão ou grave ameaça contra a pessoa, sendo que neste caso, a presença da vítima torna-se fundamental. Nesse sentido, encaixamos o homicídio como um tipo de crime.

Dessa forma, podemos destacar que crime pode ser considerado como um fenômeno individual que contraria as condições da vida em sociedade. Criminalidade, por sua vez, não é somente a junção dos crimes praticados num determinado tempo e num determinado lugar, mas engloba as diversas maneiras que o crime se apresenta na sociedade, junto com suas

causas e consequências, num determinado espaço. Sendo os homicídios a variável base de análise dos índices de criminalidade analisados na área de estudo, durante o período deste trabalho.

De acordo com Silveira (2008) a preocupação com a temática dos homicídios no Brasil vem crescendo nas últimas duas décadas juntamente com a elevação nas taxas de crimes, em especial, as de homicídios, principalmente nos grandes centros urbanos. Sendo assim, a maior parte dos estudos apresentam especulações sobre as causas da epidemia de homicídios. A causa mais comum evidenciada seria a que atribui as altas taxas à pobreza ou à desigualdade econômica, devido a picos de mortes violentas serem identificados em áreas pobres das grandes metrópoles brasileiras e de outras cidades da América Latina.

No que tange as conceituações e entendimentos dos homicídios, Brasil (1940, *apud* SILVEIRA, 2008) apresenta que:

Nos termos do artigo 121 do Código Penal brasileiro, considera-se homicídio simples matar alguém, para o qual está prevista pena que pode variar de 6 a 20 anos. Já o § 2º do mesmo artigo define o homicídio qualificado como aquele cometido “I – mediante paga ou promessa de recompensa, ou por motivo torpe; II – por motivo fútil; III – com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum; IV – à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido; V – para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime”. Ainda nos termos do Código Penal brasileiro, um crime é culposo “quando o agente que deu causa ao resultado por imprudência, negligência ou imperícia” e doloso “quando o agente quis o resultado ou assumiu o risco de produzi-lo” (p. 121).

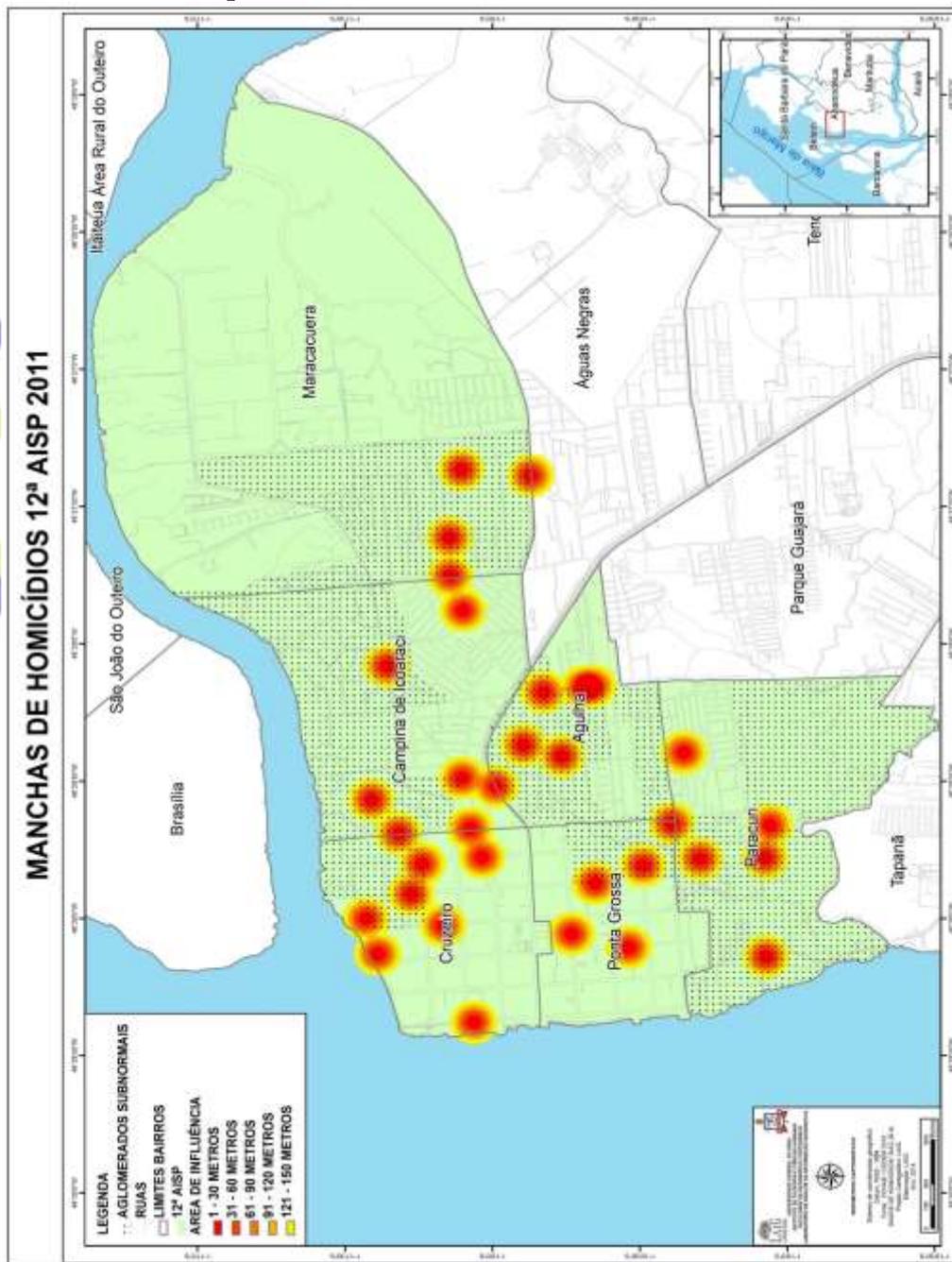
Nota-se ainda que se entende por homicídio a ação humana uniformemente considerada como crime em diferentes sociedades, que exprime um padrão de violência social mediatizada pelas relações pessoais, segundo Fausto (2001). E ainda se pode verificar que “(...) O alcance da definição, a maior ou menor reprovação social do ato, de acordo com as circunstâncias ou contra quem se dirija, podem variar, porem a regra básica é a da cominação de pena a quem suprime a vida.” (FAUSTO, 2011, p. 107).

Assim, outra pequena demonstração da quantidade de homicídios recorrentes na área faz-se por meio dos mapas a seguir, elaborados com base na tabela acima e demais dados específicos, como data, hora, dia da semana e rua do fato. Com destaque para os homicídios, mapeando os locais de ocorrência dos mesmos e seus raios de alcance, possibilitando a visualização dessas áreas. Considerando ainda o aumento dos homicídios percebido nos anos de 2011, 2012 e 2013, espacializados nos mapas a seguir, como comparativo.

No Mapa 1 é possível observar a configuração das manchas de homicídios em quantidades significativas, principalmente concentradas nos aglomerados subnormais,

denominação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que caracteriza essas áreas como mais precárias da cidade, onde a presença do poder público na maioria das vezes se torna ausente, e também, áreas de grande concentração populacional.

Mapa 01: Incidência dos homicídios no ano de 2011.

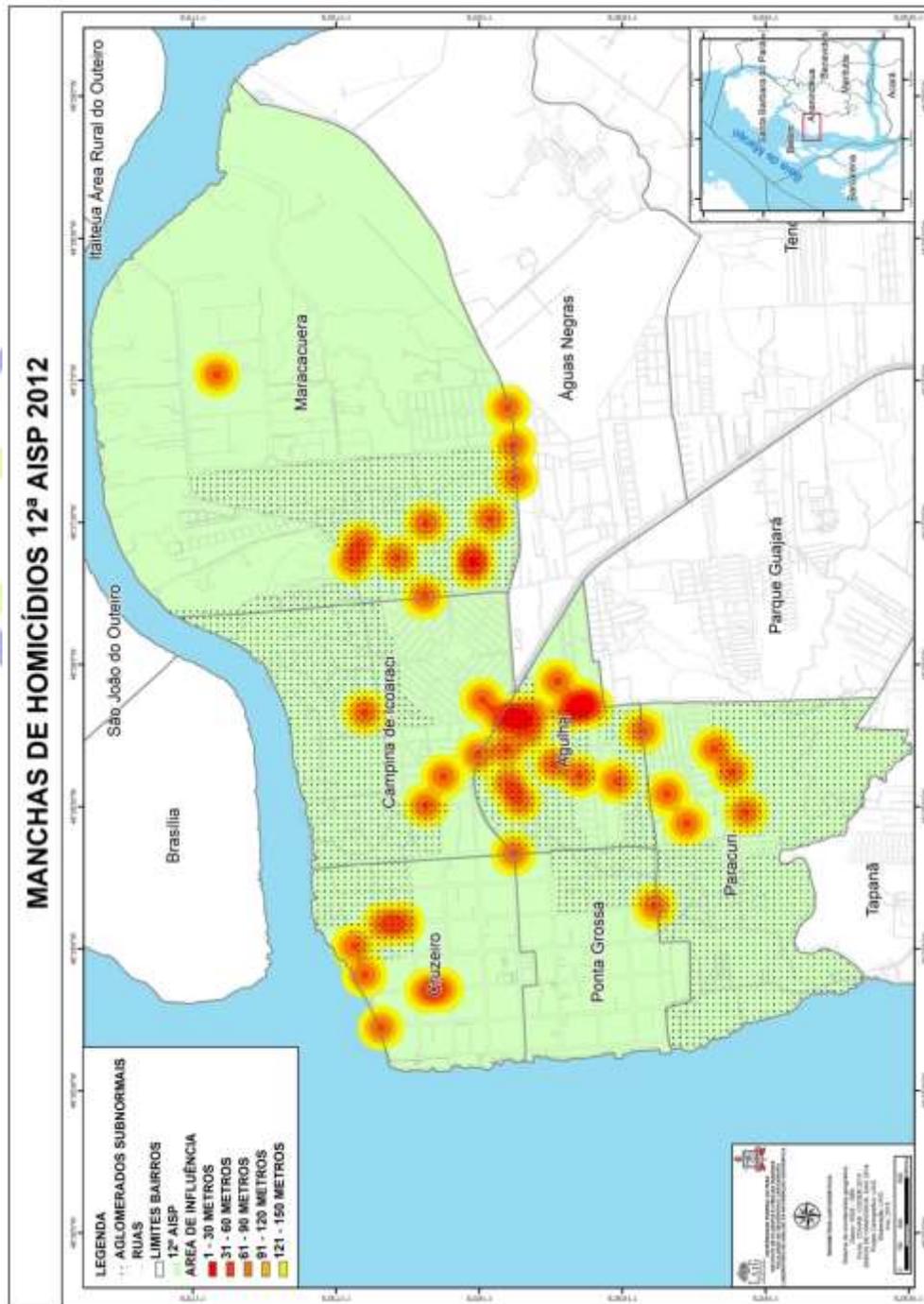


Fonte: SEGUP/SIAC (2014). Elaborado pelos autores.

Prosseguindo, no Mapa 2, referente ao ano de 2012, observa-se uma concentração dos homicídios nos eixos dos limites de um bairro a outro, principalmente entre os bairros da

Agulha e Campina de Icoaraci. Já não se mostram tão espacializados em pontos de certa forma distantes, e sim de forma concentrada.

Mapa 02: Incidência dos homicídios no ano de 2012.

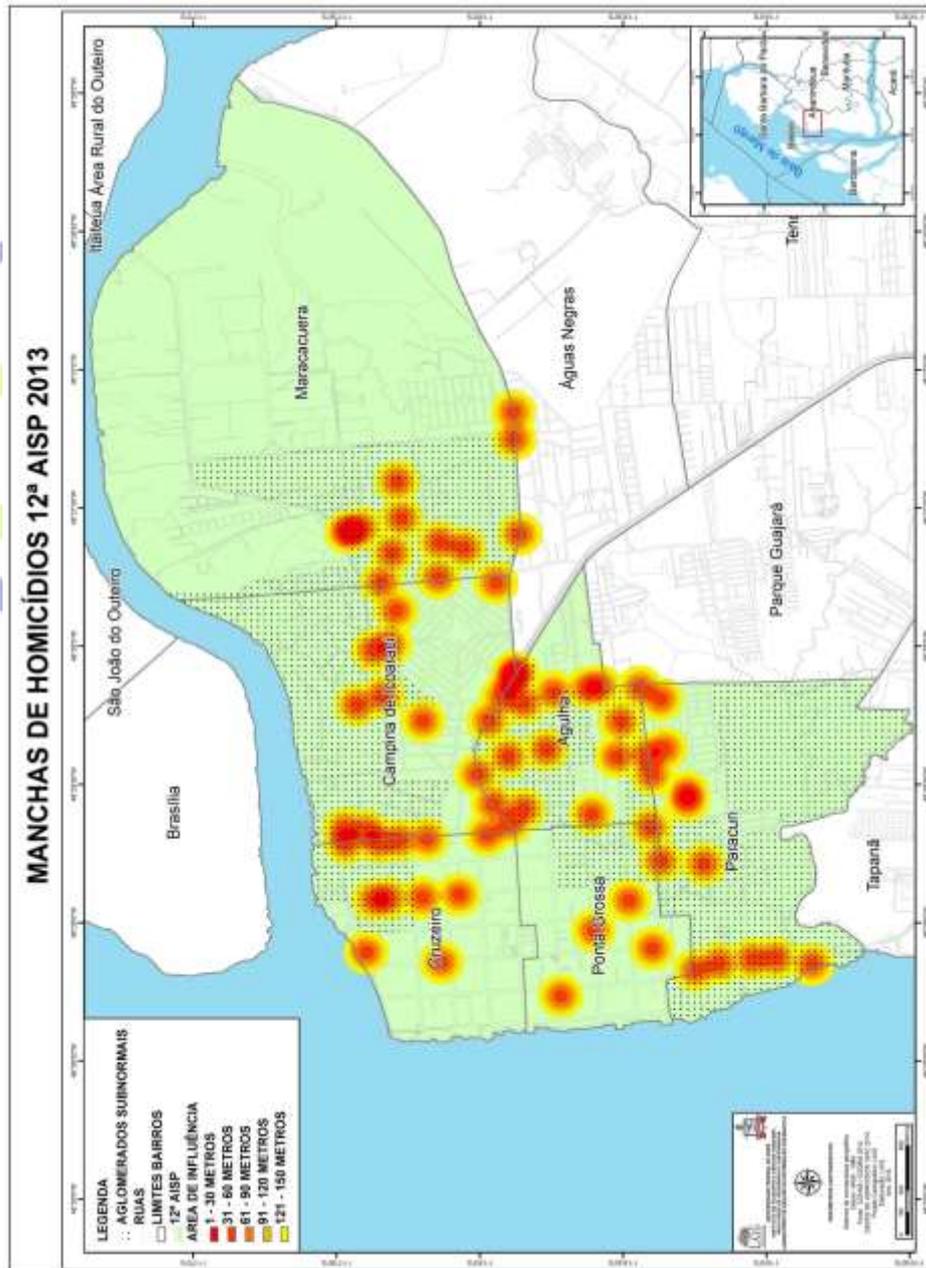


Fonte: SEGUP/SIAC (2014). Elaborado pelos autores.

O ano de 2013 consta no Mapa 3 e apresenta uma configuração de elevação na ocorrência do número de homicídios situados na 12ª AISP, de forma tanto concentrada, nos

limites de um bairro a outro, quanto pontuais. A concentração desse crime cresce de um bairro a outro, os pontos também estão mais próximos, principalmente espacializados nas áreas de aglomerados subnormais. Sendo necessária atenção nos estudos do que teria motivado, ou seja, a causa desse aumento nos indicadores de homicídios da área.

Mapa 03: Incidência dos homicídios no ano de 2013.



Fonte: SEGUP/SIAC (2014). Elaborado pelos autores.

Nesse sentido, a partir dos autores citados e analisando os bairros da 12ª AISP, espacial e territorial e cartograficamente, em conjunto com os índices de violência urbana,

nesse caso, ocorrência dos homicídios, podemos perceber que a AISP encontra-se similarmente fragmentada tal como em grandes cidades brasileiras. Acerca disso, afirma (SOUZA, 2008) “*E é em cidades sócio-político-espacialmente fragmentadas que o medo generalizado prospera e se sente em casa são elas as fobópoles⁶ por excelência*”. E aos olhos de Tuan (2005, p. 251) com relação ao medo na cidade, é refletido que:

(...) a cidade não são “paus e pedras”, mas uma complexa sociedade de pessoas heterogêneas vivendo perto uma das outras. Idealmente, pessoas de diferentes procedências habitam em harmonia e usam seus diferentes dons para criar um mundo comum. Todas as vezes que isso acontece, a cidade é, durante esse tempo, uma soberba realização humana. Porém, a heterogeneidade é também uma condição que incentiva o conflito. Durante sua história a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos.

E ainda se observa, segundo Souza Júnior (2013), que a cidade do medo, enquanto uma das expressões da organização territorial da insegurança urbana é contextualizada de forma diferenciada entre os diversos sujeitos sociais. Em seu artigo ele considera que:

A junção dos fundamentos metodológicos possibilitou uma leitura sobre a intencionalidade do discurso na difusão da Geografia do medo enquanto um “mito” decorrente do aumento da violência nos espaços urbanos. A associação deste evento a um “mito” sustenta-se no argumento de que, embora seja fato o aumento dos indicadores de violência, especialmente nas cidades de porte médio ou cidades médias, o maior impacto ao cotidiano urbano decorre dos discursos provenientes desse evento, tanto os oficiais, que são difundidos pela mídia despertando na sociedade a “sensação de catastrofismo”, como aqueles reproduzidos em imagens criadas pelos próprios sujeitos sociais que se apropriam dos espaços. (p. 3).

Com isso, é ratificada a ideia da 12ª Área Integrada de Segurança Pública como uma das mais violentas da cidade de Belém, de acordo com dados analisados e discussões apresentadas no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, pode-se perceber a importância do estudo dos bairros da Cidade de Belém e Região Metropolitana, em especial os bairros da 12ª AISP, pois nesta área os índices de criminalidade, insegurança perante os moradores se encontram elevados, assim como mostrados e exemplificados por meio dos dados estatísticos. E ainda se buscou compreender a dinâmica territorial de poder que se formou nesta área, objetivando mapeá-la. Mostrando assim a importância do uso da Cartografia e da Geoinformação para melhor

⁶Conceito de Marcelo de Lopes Sousa, que é resultado da derivação das palavras gregas *phobos*, que significa “medo” e *pólis* que significa “cidade”. Essa combinação é o que o autor propõe como a “cidade do medo”. (SOUZA, 2008, p. 08 – 09)

visualização, compreensão e estudo de áreas, executando os mapas com o auxílio dos dados da SEGUP e SIAC, permitindo visualizar pontos no espaço onde ocorrem diversos delitos e crimes, principalmente o homicídio.

Assim a pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender de forma geográfica como acontece a disseminação da criminalidade e da violência, especialmente o homicídio na cidade de Belém, nos anos de 2010 a 2012, possibilitando assim, a criação de uma cartografia dos homicídios e a busca por uma teoria geográfica da violência urbana. Para isso, também é necessário entender como a violência se apresenta no espaço urbano em diferentes contextos e a sua territorialidade, para que se possa identificar as causas e consequências dessa violência.

A pesquisa encontra-se em andamento há mais de um ano, ainda em fase inicial, porém já contendo determinados resultados, fazendo parte de um projeto maior vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação - PIBIT/UEPA, denominado: Atlas Criminal da Cidade de Belém: A distribuição Espacial dos Homicídios no Período de 2011-2013. Neste primeiro momento obtivemos os resultados preliminares e parciais da pesquisa, ressaltando a importância do uso da Cartografia e da Geoinformação para melhor visualização, compreensão e estudo de áreas que busca auxiliar no mapeamento das áreas de criminalidade e na organização de registros de ocorrências nessa questão, na Região Metropolitana de Belém, município de Belém, na 12ª AISP.

REFERÊNCIAS

- BEATO FILHO, Claudio Chaves. **Crimes e Cidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Et al. A produção do espaço e a formação de zonas de violência: a utilização das ferramentas de geotecnologias no uso de estratégias de prevenção e combate a criminalidade no município de Marituba – PA. Belo Horizonte: **Anais** do XVII Encontro Nacional de Geógrafos Brasileiro, UFMG, 2012.
- _____. Uso de ferramentas de geoinformação na prevenção e combate à criminalidade na Região Metropolitana de Belém, Estado do Pará. Lima: **Anais** do XIV Encontro de Geógrafos da América Latina, 2013.
- _____. **Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém**. Boletim de Geografia da Amazônia, Belém, n. 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014.

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

GOVERNO DO PARÁ. **Secretaria de segurança pública**, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Belém/PA: IBGE, 2010 e 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM **Anuário Estatístico do Município de Belém**, 2012.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia urbana**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVEIRA, Andréa Maria. A prevenção dos homicídios: desafio para a segurança pública. In: BEATO, Cláudio (Org.). **Compreendendo e avaliando: projetos de segurança pública**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. 4. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2012.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. O público e o privado: a desconstrução dos espaços e a construção da violência. In: BRITO, Daniel Chaves de; BARP, José Wilson (Orgs.). **Violência e controle social: reflexões sobre práticas de segurança pública**. Belém: NUMA/UFPA, 2005.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltão; GOÉS, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SOUZA JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de. A desconcentração dos eventos de violência urbana no Brasil e sua influência nas redefinições das cidades intermediárias: o caso de Campina Grande-PB, 2013. **Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana – UERJ**: Rio de Janeiro. 18 a 22 de Novembro de 2013. Disponível em: http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT14_xisto. Acesso em: 11 set. 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Análise socioespacial da violência na 12ª AISP: o uso do território, geoinformação e influências da violência urbana em Belém- Pa.

DOI: 10.17551/2358-1778/geoamazonia.v2n4p190-205

Marcelle Peres da SILVA; Lorena de Lima Sanches SANTANA; Leonardo de Souza ALVES; Clay Anderson Nunes CHAGAS

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapas da violência 2010: Anatomia dos homicídios no Brasil.** São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

205

Artigo Recebido em: outubro de 2014.
Artigo Aprovado em: dezembro de 2014.

